

UMA INSCRIÇÃO VOTIVA EM LÍNGUA LUSITANA*

André Carneiro
José d'Encarnação
Jorge de Oliveira
Cláudia Teixeira

Foi recolhida no vale da Ribeira da Venda, a norte da vila de Arronches (distrito de Portalegre, Alto Alentejo, Portugal), na propriedade designada “Monte do Coelho”, uma laje de grauvaque, cuja superfície epigrafada terá sido previamente alisada para receber a epígrafe, mantendo-se, porém, a irregularidade do conjunto. A retaguarda não foi minimamente afeiçãoada.

Dimensões: 88 x 75 x 3,5 (espessura mínima) - 14 cm (esp. máxima).

Lemos:

[- - - - -] XX • OILAM • ERBAM
HARASE • OILA • X • BROENEIAE • H
OILA • X • REVE AHARACVI • T • AV [...]
IEATE • X • BANDI HARACVI AV [...]
⁵ MVNITIE CARIA CANTIBIDONE •

APINVS • VENDICVS • ERIACAINV[S]
OVOVIANI [?]
ICCINVI • PANDITI • ATTEDIA • M • TR
PVMPPI • CANTI • AILATIO

Altura média das letras: 2,8. Espaços: 1: 4,5; 2-5: 2; 6: 10; 7: 3; 8 e 9: 2; 10: 36.

A paginação é cuidada, se atendermos, de modo especial, à regularidade dos espaços interlineares, à pontuação e ao cuidado posto na gravação (por goiva). O texto ocupa o espaço disponível no sentido da largura e, na altura, houve a preocupação de o situar na parte superior da laje, o que dá a perceber que não seria para colocar em posição acima do olhar normal mas sim no solo. Há um espaço vazio entre as linhas 5 e 6,

* Este estudo enquadra-se, pela parte de J. d'Encarnação, no projecto FERCAN (*Fontes Epigraphici Religionis Celticae Antiquae*), do CEAUCP.

certamente — como adiante se dirá — para dar uma ideia de separação de conteúdos, o que é, para já, de muito realçar, uma vez que daí se depreende uma cultura epigráfica não desprecianda. Essa segunda parte do texto dá a sensação de seguir um eixo de simetria, impressão acentuada pela palavra única que ocupa a l. 7.

Os caracteres são actuários — outra coisa não seria de esperar, aliás, num suporte grauváquico... — e gravados com cuidado: barras horizontais breves; letras (como o A, o M, o N...) bem largas; B assimétrico e grafado em apenas dois movimentos; P aberto; R feito a partir do P. Se outros dados não houvera, a paleografia apontava, desde já, para os primórdios do séc. I da nossa era.

LEITURA E HIPÓTESES DE INTERPRETAÇÃO

A principal dificuldade reside no facto de todo o texto apresentar palavras estranhas ao vocabulário habitual em inscrições romanas. Contudo, pode, desde logo, garantir-se que a epígrafe se filia, sem sombra de dúvida, na tipologia de monumentos de que o penedo de Lamas de Moledo (Castro Daire) é exemplo paradigmático para a Lusitânia. Lá, como aqui, refere-se a oferta de vítimas a divindades de carácter indígena, local. O mesmo sucede na epígrafe — também em língua dita “lusitana” — achada em Cabeço das Fráguas (Sabugal). Uma terceira epígrafe, de Arroyo de la Luz (Cáceres), de teor idêntico às duas anteriores, só é conhecida através de uma cópia de finais do século XVIII,¹ e a última inscrição de Arroyo de la Luz detém, como os seus editores reconhecem,² teor completamente diferente dos de Cabeço das Fráguas e Lamas de Moledo.

São, pois, com a epígrafe de Arronches, cinco os textos de que há notícia escritos em língua dita “lusitana”.

Vejamos, pois, linha a linha, o que se nos oferece dizer sobre este novo texto.

Linha 1

Não parece ter havido uma outra linha para além daquela que primeiro se vê e de que apenas se tem maior enleio no que concerne a uma primeira palavra que poderá ter umas oito letras. A seguir, retirando a hipótese AM, afigura-se possível ver XX.

Depois, OILAM (o L em forma de lambda) perfeitamente definida entre dois pontos circulares e bem centrados — como, aliás, acontece em todo o texto. É termo conhecido justamente do penedo de Lamas de Moledo e tem-se-lhe atribuído o significado de ‘ovelha’; será, mui provavelmente, uma forma do falar quotidiano para dizer *ovicula*, ‘ovelhinha’.

¹ Cf., sobre estas epígrafes, entre outros, os seguintes estudos (que indicam bibliografia anterior): UNTERMANN (Jürgen), “A epigrafia em língua lusitana e a sua vertente religiosa”, in RIBEIRO (José Cardim) [coord.], *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 2002, p. 67-70; CURADO (Fernando Patrício), “A ‘ideologia tripartida dos indoeuropeus’ e as religiões de tradição paleohispânica no Ocidente peninsular”, *ibidem*, p. 71-77; e também, de João L. Inês Vaz, “Divindades indígenas na inscrição de Lamas de Moledo (Castro Daire – Portugal)”, *Beira Alta* 47 (3-4) 1989 345-358.

² Francisco VILLAR e Rosa PEDRERO, “La nueva inscripción lusitana: Arroyo de la Luz III”, in VILLAR (Francisco) e FERNÁNDEZ ÁLVAREZ (M.^a Pilar), *Religión, Lengua y Cultura Prerromanas de Hispania*, Salamanca, 2001, 663-698.

Segue-se-lhe ERBAM:³ tanto o R como o B sofreram algum desgaste, mas reconstituem-se sem dificuldade; o M, largo como o de OILAM, também parece não oferecer dúvidas de leitura. Na epígrafe de Arroyo de la Luz existe a palavra ERBA,⁴ sendo interpretada como ‘ovelha de erva’, já criada. Neste caso, teríamos um adjectivo de *oilam*, ambos no acusativo; e o numeral XX anterior referia-se à palavra em falta.

Linha 2

A l. 2 lê-se bem, sendo a única dúvida o final onde, em vez de H, se poderia também ler II, cujo significado, no entanto, nos escaparia. A hipótese H afigura-se-nos mais plausível.

Harase, provável dativo de uma forma em *-a*, *Harasa*, é, seguramente, um teónimo quer em forma adjectival quer substantiva. Quiçá vocábulo de raiz indoeuropeia,⁵ poderá ter algo a ver com formas existentes em grego: *aresis*, no sentido de ‘ajuda’, ‘súplica’; e o verbo *aráso*, com o significado (real e figurado) de ‘ancorar’. Poderia, pois, este númen ser invocado em casos de quebra da fertilidade agrícola e/ou pecuária? A possibilidade de ser, porém, uma variante da palavra *Haracui*, que vem a seguir, não nos parece despidianda.

Se a leitura XX da l. 1 está correcta, fazendo uma comparação com esta l. 2, em que se lê OILA · X verosimilmente para indicar “dez ovelhas”, a *Harasa* se terá oferecido ou sacrificado *oilam erbam*, tal como em Cabeço das Fráguas se diz *oilam Trebopala*, “uma cordeira para Trebopala”. Note-se, de passagem, que se confirma haver uma flexão em *-am* para o acusativo singular, enquanto o plural sugere uma forma neutra, em *-a*, ou um acusativo plural apocopado (*oila* por *oilas*).

Broeneiae, em dativo, identificaria outra divindade, até agora desconhecida, que poderia ter o epíteto *Haracui* (em dativo), que aparece adiante — por isso, aqui estaria em sigla. Não se encontram, à primeira vista, paralelos na nomenclatura pré-romana peninsular⁶ e, se considerarmos que parece conter o radical *br-*, relacionável com o que existe em “broa”, tal poderia indicar uma conotação de ‘pão’, ‘fermento’, ‘fertilidade’ — ideias que, convenhamos, não ficariam mal nem no contexto nem em relação a uma divindade...

³ A princípio, parecera-nos ET BAN, eventual começo do teónimo *Banda*; uma observação mais cuidada da pedra retirou tal possibilidade. Rejeitámos a hipótese EBRA, ‘ovelha negra’, o que em contexto religioso e eventualmente oracular poderia ter uma carga acrescida. Também colocámos de parte a possibilidade de o M final de OILAM se interpretar como numeral, não só porque há a bastante plausível concordância com *Erbam* mas também porque temos, antes, o numeral XX.

⁴ Cf. Antonio TOVAR, “L’inscription du Cabeço das Fráguas et la langue des Lusitaniens”, *Revue des Etudes Celtiques* XI 1966-1967 p. 243 (nota 2), que dá a versão de Gómez-Moreno. A palavra *erba* surge na l. 4.

⁵ María de Lourdes Albertos cita o antropónimo *Haericus*, provavelmente indoeuropeu, mas, ao que parece, trata-se de uma leitura que não foi seguida: cf. ALBERTOS FIRMAT (M^a Lourdes) *La Onomástica Personal Primitiva de Hispania (=O. Hisp.)*. Salamanca, 1966, p. 121.

⁶ Próximos somente os antropónimos *Broccius*, *Brocc(h)us*, *Brocina*... Cf. VALLEJO RUIZ (José María), *Antroponimia Indígena de la Lusitania Romana*, Vitoria-Gasteiz, 2005, p. 485, que, no entanto, tem algumas dúvidas sobre o carácter pré-romano desses antropónimos.

Linha 3

Também aqui só o final nos causa alguma perplexidade: o T está claramente entre pontos e segue-se-lhe AV e poderia ainda ter havido uma letra mais, desaparecida com o esborcelamento. Se considerarmos que *Reve Aharacui*, “a Reva Aharácuo”, se sacrificam igualmente dez ovelhas e que o mais verosímil é estarmos perante um dativo de tipo chamado “pré-céltico”, com a terminação em *-cui*, identificado noutros teónimos,⁷ tanto o T como AV deverão, de preferência, relacionar-se com a palavra da linha seguinte. De momento, sublinhemos que a divindade *Reva* surge aqui, mais uma vez, em contexto de um ritual de sacrifício e com um epíteto que tudo leva a crer ser de carácter toponímico.

Linha 4

Na l. 4, a 1ª letra parece um I e, depois do A bem largo, divisa-se um T bastante ténue; são claros os pontos a isolar o X, que deve entender-se, por isso, como numeral, à semelhança da l. 2. Se o T da linha anterior fosse uma sigla a identificar *taurum*, sugestão que se enquadraria no ritual da *suovetaurilia*, teríamos o sacrifício de dez touros *au[---]ieate*, ‘adjectivo’ estranho, sem dúvida, na nomenclatura habitual...

De notável é a presença indubitável de uma divindade conhecida, *Banda*, aqui com o dativo em *-i* e um epíteto tópico, precisamente o mesmo de *Reva*, o que vem confirmar o que sempre temos defendido de que são preferentemente tópicos os epítetos desta divindade.⁸

Qual o possível significado do epíteto *Haracui*? A palavra *hara* poderá estar ligada ao mundo da pecuária: curral, chiqueiro de porcos; por outro lado, se apontarmos para um topónimo, torna-se aliciante ‘encontrar’ o termo na raiz semântica da vila de Arronches, ainda hoje considerada como a capital... do porco preto! Como se sabe, de acordo com o *Itinerário de Antonino*, teríamos nestas zonas uma *mansio*: *Ad Septem Aras*... Estaria, sem dúvida, entre Arronches e Campo Maior, talvez por alturas de Degolados, onde importantes testemunhos da época têm sido encontrados.⁹ E um pouco mais para oeste situa-se... Arronches!

Também aqui é a identificação da(s) letra(s) finais que traz problemas. Seguindo o ritmo do texto, AV identificaria a oferenda à divindade identificada a seguir. O que possa ser... desconhecemos.

Linha 5

A primeira metade da l. 5 sofreu escoriações, ainda que a leitura apresentada nos pareça não carecer de revisão. O epíteto CANTIBIDONE, por ser conhecido, não ofereceu qualquer dificuldade. *Munitie* poderá ser,

⁷ Recordamos *Bandei Brialeaicui*, de Orjais (*HEp* 11, 2001, 659 = *AE* 1967, 135 = *HEp* 3, 1993, 470).

⁸ Cf. ENCARNÇÃO (José d’), “Banda, uma importante divindade indígena”, *Conimbriga* 12 1973 199-214; e “Divindades indígenas da Lusitânia”, *Conimbriga* 26 1987 5-37 (sobretudo p. 10).

⁹ Cf. Jorge de ALARCÃO, “As estradas romanas de Portugal”, *Encuentros sobre el Tajo: El Territorio y las Comunicaciones* (Cuadernos de San Benito – 3), Madrid, 1992, p. 67-75 (sobretudo p. 72); ou J. ALARCÃO, *O Domínio Romano em Portugal*, Mem Martins, 1988, p. 99.

verosimilmente, uma variante de *Munidi* (em dativo), divindade tutelar igualmente referenciada noutros textos,¹⁰ seguida, cremos, de dois epítetos: *Caria* e *Cantibidone*.

Caria, que se documenta aqui pela primeira vez, não soa, porém, a estranho. Em Arcos de Valdevez, documentou-se uma divindade para que, dubitativamente, se optou pela designação de *Carus*.¹¹ Recentemente, Juan Carlos Olivares Pedreño¹² pôs a hipótese — não muito verosímil, aliás — de ser essa uma abreviatura do conhecido epíteto de Marte, *Cariociecus*. Pensamos, com mais este exemplo de Arronches, que se deve optar, ao invés, por um nome divino, a aproximar, na verdade, de *Cariociecus* mas também dos *Lares Cairienses*, como faz Blanca Prósper (o. c., p. 319), que alude, inclusive, a uma *via Cariensi*. Recorde-se que María Lourdes Albertos (o. c., p. 78-79) aproxima o radical *Car-* da forma indoeuropeia **karo-*, na comum significação de ‘querido’. Um adjectivo, valha a verdade, que quadra bem a uma divindade...

Quanto a *Cantibidona*, tivemos atestado pela primeira vez este nome divino em dois altares achados em Segura, Idanha-a-Nova (cf. *HEp* 4 1994 1042-1043). Aí vem precedida, em dativo, de duas palavras *Erbine Iaedi*, tendo-se interpretado *Cantibidone* na qualidade de adjectivo formado a partir de um topónimo, pois há testemunho, numa pequena placa de Niebla, da ocorrência da palavra *Cantibedonesi*, o que levou a pensar na existência de uma cidade *Cantibidonia* ou num território dos *Cantibidonenses*. Também aqui, em jeito de paralelismo, se poderiam aceitar, então, como identificando apenas uma divindade os três nomes *Munidi Caria Cantibidone*.

Pensamos que a laje de Arronches pode trazer nova luz sobre o culto à divindade e, também, novas considerações de índole linguística, nomeadamente se atendermos ao mais recente estudo, já citado, de Blanca Prósper (p. 215-220). Com efeito, esta investigadora prefere considerar como divindade ‘principal’ *Erbine*, sendo *Cantibidone* um epíteto de índole tópica: “CANTIBIDONE es, com toda probabilidad, una referencia al lugar de culto de la divinidad ERBINE, tal vez un santuario del pueblo de los igaeditanos cuya importancia y alcance desconocemos” (p. 217). Por consequência, mais do que um lugar, poderemos estar em presença de um ‘povo’ com várias divindades tutelares: aqui, *Munis*; em Segura, *Erbina*. Novas e aliciantes pistas, pois, a explorar — não só no que à teonímia diz respeito mas também à etnonímia e à investigação sobre territórios.

Linha 6

Como já se referiu, o espaço deixado livre em seguida mostra que a segunda parte do texto não se liga directamente à primeira, tratando de um assunto diverso; por exemplo: a informação acerca de quem mandou

¹⁰ Blanca María Prósper (o. c., p. 187-189) refere os testemunhos documentados na Península Ibérica e, com base na análise etimológica, atribui a este númen indígena uma característica de “divindade da montanha”.

¹¹ Cf. ENCARNAÇÃO (José d’), *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal (Subsídios para o Seu Estudo)*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1975, p. 156-157.

¹² Cf. *HEp* 12 2006 n° 669 (com mais bibliografia).

executar o monumento, as circunstâncias em que foi erigido ou, ainda, informações de teor jurídico-administrativo ou de ritual...

Afigura-se-nos, todavia, que essa segunda parte começa pela identificação dos dedicantes, cujos nomes se lêem sem dificuldade (só há dúvida na terminação do terceiro nome). Optamos por três, atendendo a duas circunstâncias: a primeira, porque a morfologia dos vocábulos se coaduna melhor com o que conhecemos da estrutura onomástica pré-romana; depois, porque interpretamos no plural a palavra que surge isolada na linha seguinte, como que a qualificar os indivíduos identificados atrás.

Apinus é antropónimo com outros testemunhos já, inclusive na Lusitânia,¹³ registando-se, por curiosa coincidência, a forma *Appinnae* em Lamas de Moledo (*AE* 1989 381).

Vendicus ainda não terá surgido atestado sob esta forma, que saibamos; contudo, um radical *vend-* é reconhecível em antropónimos como *Vendalo*, *Vendieci*, *Vendio*, *Vendiricus*,¹⁴ pelo que será facilmente admissível, para mais com a terminação *-icus*.

Eriacainus é, por seu turno, o único nome para o qual se não encontra, de momento, palavra aproximável, ainda que seja aliciante, neste contexto, atribuir-lhe uma relação com a raiz, “atestada em quase todas as línguas indoeuropeias”, **er-*, a que os celtistas atribuem a conotação de ‘chibo, cordeiro, vaca, gamo’, na origem, ‘animais com cornos’.¹⁵

Linha 7

Na l. 7, há um vocábulo em posição central: *ovoviani*?

Uma aparente relação deste estranho vocábulo com *ovis*, ‘ovelha’, poderia levar-nos a pensar que se trata de uma referência... ‘profissional’, os pastores ou os comerciantes de ovelhas. Trata-se, naturalmente, de mera hipótese; primeiro, porque pode haver dúvidas na leitura; depois, porque, independentemente de estarmos perante uma palavra de uso quotidiano e não epigráfico, não detém quaisquer paralelos conhecidos.¹⁶

Sugestiva é, porém, essa perspectiva, se atentarmos a uma eventual ligação com as rotas de transumância para a Beira Interior,¹⁷ rotas que deixaram marcas toponímicas na paisagem arronchense, como “Canada”; ou, ainda, com a via atrás mencionada, de *Emerita* para *Olisipo*.

Apesar destas sugestões, constitui, sem dúvida, uma incógnita essa palavra, assim centrada, a mostrar, seguramente, que detém importância no contexto de toda a epígrafe.

¹³ Cf. o *Atlas* atrás citado: p. 95, mapa 31; e J. M. VALLEJO, o. c., p. 159 (*et passim*).

¹⁴ Cf. ABASCAL, o. c., p. 541.

¹⁵ Cf. M. L. ALBERTOS, o. c., p. 116.

¹⁶ Francisco VILLAR (in *Indoeuropeos y no Indoeuropeos en la Hispania Prerromana*, Salamanca, 2000, p. 165) cita *Ovianus*, antropónimo. Foi o que encontramos de mais semelhante.

¹⁷ Cf. Joaquín GÓMEZ-PANTOJA [coord.], *Los Rebaños de Gerión: Pastores y Trashumancia en Iberia Antigua y Medieval*, Madrid, Casa de Velázquez, 2001.

Linha 8

Na l. 8, *Iccinui* poderá relacionar-se com o antropónimo *Iccius* ou, ainda, com *Iconius*.¹⁸

Panditi (se, de facto, a primeira letra é um P aberto, como é hábito na epigrafia dos primórdios da ocupação romana) já oferece mais problemas no que concerne a paralelos, ainda que exista, em Latim, o verbo *pandere*, com o significado de ‘revelar’, ‘abrir’ (donde a nossa frase ‘velas pandas’...).

Dada a relativa frequência com que ocorrem antropónimos começados por *att-* na onomástica indígena (e não só), um feminino pessoal *Attedia* não parece de todo insustentável.¹⁹

O M que vem a seguir — se viesse depois um F e não o que nos parece claramente TR — deveríamos interpretá-lo como a sigla de um patronímico, de preferência a ver aí o numeral mil.

Baseando-nos, por outro lado, em semelhanças morfológicas e fonéticas, alicia-nos outra hipótese: relacionar-se *Iccius* com ícone, imagem; manter para a segunda palavra o significado de ‘abrir’, ‘revelar-se’, e, para a terceira, o de ‘atender’. Ou seja, veríamos aí uma súplica do género de: “Revelai-nos um sinal da vossa vontade”, “Atendei às nossas súplicas através de um sinal”.

Linha 9

Na última linha, o ‘segredo’ estará, verosimilmente, no sentido da palavra *ailatio*, que, a uma primeira abordagem, nos sugere, de preferência, um substantivo do tipo de *ratio*.

Acontece, porém, que temos bem documentado o antropónimo *Aelatius*: será que, por conseguinte, devemos inclinar-nos mais para um nome em dativo ou mesmo em ablativo (a indicar, neste caso, um agente da acção)?

Há, contudo, outra hipótese: poderá tratar-se de uma fórmula de fecho, terminando este contexto de uma súplica em desespero. Se *Pumpi* se referir a algo como ‘gravação’ e *Canti* forem ‘cantos’, orações, *Ailatio* tem, por seu turno, em latim, um termo semelhante, a palavra *adlatio*, com o significado de canto; foneticamente, o gravador da pedra poderia ter procedido a uma ligeira modificação no momento da escrita, como não é inusual: grava-se tendo em conta não tanto as questões gramaticais, mas a forma como os sons seriam emitidos. Sendo assim, *adlatio* poderia ter-se transformado em *ailatio* e teríamos — se não é fantasiar de mais... — um significado genérico de “passamos para a pedra este canto de alegria”, “gravamos esta oração de júbilo”, encerrando assim a súplica às divindades.

Também poderíamos ver aí uma deformação de *adulatio*, veneração, o que ainda seria mais sugestivo, pois haveria um primeiro momento de formulário, padronizado, oferecendo às divindades um conjunto de animais, em contexto agrícola ou pecuário de crise, eventualmente originada por uma epidemia; a identificação dos dedicantes, pessoas ligadas ao mundo rural; e, hipoteticamente, uma fórmula final em que os dedicantes manifestam a sua dependência e vinculação à vontade das divindades, esperando um sinal de melhoria da sua situação, mas dedicando os seus sacrifícios com júbilo e alegria.

¹⁸ Cf. J. M. VALLEJO, o. c., p. 492 (de um radical *icc-*).

¹⁹ São diversos os nomes de radical *Att-*: ver ABASCAL, o. c., p. 289-290.

Confessamos que se trata de sugestão aliciante — a requerer aprofundamento, mormente do ponto de vista linguístico, pois estamos (insiste-se) perante uma língua não padronizada. Subsistem, na verdade, muitas dúvidas, que só o tempo e uma acurada análise poderão ir esclarecendo. Há, contudo, alguns dados que já se podem adiantar, para além da certeza de estarmos perante o testemunho da oferta pública, mediante certamente um ritual de sacrifício, de animais a divindades indígenas.

EM JEITO DE CONCLUSÕES

Esmiuçado, quanto nos foi possível, o texto, importa sintetizá-lo em leitura interpretada e dele apresentar uma proposta de tradução:

[...] XX (*viginti*) • OILAM • ERBAM / HARASE • OILA • X (*decem*) • BROENEIAE • H / OILA • X (*decem*) • REVE • AHARACVI • T • AV [...?] / IEATE • X (*decem*) • BANDI • HARACVI • AV [...?] / ⁵ MVNITIE • CARIA • CANTIBIDONE • // APINVS • VENDICVS • ERIACAINV[S] / OVOVIANI [?] / ICCINVI • PANDITI • ATTEDIA • M • TR / PVMPI • CANTI • AILATIO

Para (...) vinte (...). Um cordeiro de erva para Harase. Dez cordeiros para Broineia H(arácia). Dez cordeiros para Reva Aharácuo. Dez T(?) AV(?)IEATE para Banda Harácuo. AV(?) para Municia Caria Cantibidone.

Os ovelheiros Apino, Vendico, Eriacaino.

Revelai-nos a vossa vontade por um sinal.

Gravamos esta oração de júbilo.

Mais as perplexidades, portanto, que as certezas. Mas destas há algumas que podemos garantir, como dados verdadeiramente inovadores.

No que concerne à **religiosidade pré-romana**, dir-se-ia que a epígrafe figuraria num local aonde a população se ajuntava para honrar os seus deuses em determinadas épocas do ano, hipótese que também se coloca para Lamas de Moledo, Cabeço das Fráguas e para o altar identificado em Marecos (Penafiel), testemunho de um solene ritual agrário, ligado ao ciclo da vegetação e da reprodução animal.²⁰

Atesta-se aqui um ritual muito semelhante ao da *suovetaurilia*, sendo várias as divindades invocadas: *Banda*, *Reva* e *Munis*, quanto às já conhecidas; *Broeneia*, jamais registada até ao momento. Divindades invocadas sob um epíteto seguramente tópico, *Haracui* ou *Aharacui* ou mesmo *Harase* (numa diferença de grafia que outras vezes se documenta em relação às divindades indígenas, fruto do ‘contágio’ da oralidade) ou, ainda, sob a forma de sigla H. De realçar a novidade de nos parecer que o teónimo *Munis* vem grafado como *Munitia* e qualificado com dois epítetos, um (*Caria*) relacionável com outros teónimos indígenas, o segundo (*Cantibidone*) já documentado em relação a divindade conhecida, *Erbina*.

²⁰ Cf. *Hispania Epigraphica (=HEp)* 6 1996 n° 1069, citando Patrick LE ROUX, “Cultes indigènes et religion romaine en Hispanie sous l’Empire”, *L’Afrique, la Gaule, la Religion à l’Époque Romaine. Mélanges à la mémoire de Marcel Le Glay...* Bruxelas, 1994, p. 560-567. Pode ver-se a respectiva ficha in RIBEIRO (José Cardim) [coord.], *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 2002, p. 371, foto na p. 372.

Poderão ser referidas na epígrafe outras vítimas, mas a que não parece oferecer dúvida é o cordeiro, em número de dez (o que também constitui uma novidade) e, expressamente, indicado como *erbam*, ou seja, se a nossa interpretação está correcta, como já estando em idade de pastar (não apenas ‘de leite’).

No domínio da **Linguística**, escusado será sublinhar quanto esta epígrafe, por estar redigida em língua considerada “lusitana” e por, na verdade, se ler sem grandes dúvidas, vai contribuir para esclarecer questões em aberto.

Como fonte para os **estudos históricos** propriamente ditos, o facto de, desta sorte, como que se fechar, pelo Sul, a zona atribuída aos Lusitanos, na sequência do que temos vindo a afirmar sobre a presença de onomástica “lusitana” no Nordeste alentejano²¹ — Lamas de Moledo a ocidente, Cabeço das Fráguas a norte, Arroyo de la Luz a oriente e Arronches a sul —, reveste-se, doravante, de importância relevante, a matizar o que Jorge Alarcão tem vindo a considerar o território deste ‘povo’.²²

Aliás, nesse âmbito, a ligação com rituais afectos à transumância afigura-se-nos assaz plausível, aproximando-nos, pois, claramente dessa hipótese sugerida por Pedro Carvalho: “A ancestralidade de movimentos e de práticas poderia inclusivamente justificar a sobrevivência em época romana de lugares de culto indígenas na proximidade desses trajectos (junto a mananciais ou em pontos dominantes na paisagem), como forma de propiciar a celebração dos indispensáveis rituais — com sacrifício de animais — que assegurariam a protecção de pessoas e gado”.²³

Em suma: um texto de teor religioso, ritual, datável — pela paleografia — dos primórdios dos tempos romanos na Lusitânia. Pelas dúvidas que suscita, pelas novidades que traz em termos de designação de divindades e, até, de outra terminologia ainda por decifrar — constituirá, seguramente, um dos achados epigráficos mais importantes dos últimos anos na epigrafia da Lusitânia romana.

André Carneiro
e-mail: andrecarneiro73@gmail.com
CIDEHUS – Centro Interdisciplinar
de História, Culturas e Sociedades
da Universidade de Évora

José d’Encarnação
e-mail: jde@fl.uc.pt
CEAUCP – Centro de Estudos
Arqueológicos das Universidades
de Coimbra e Porto

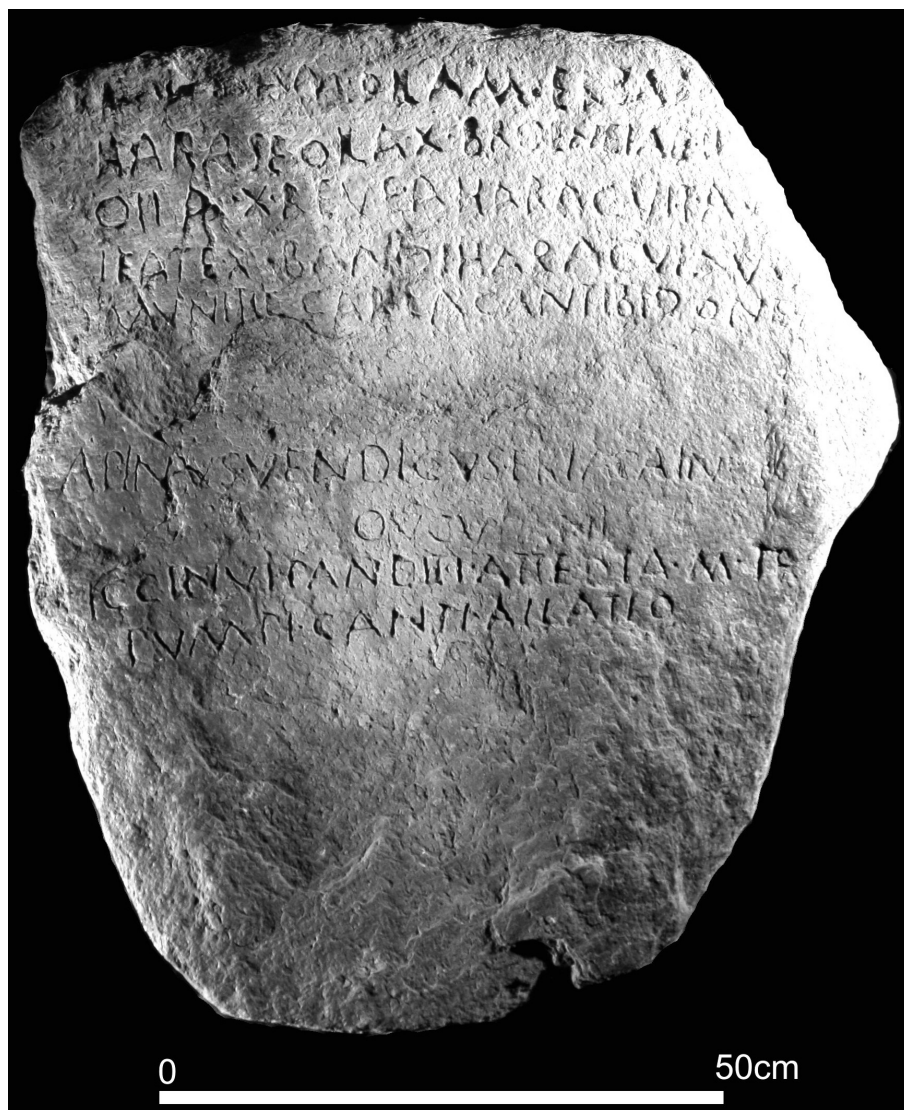
Jorge de Oliveira
e-mail: joli@uevora.pt
CIDEHUS – Centro Interdisciplinar
de História, Culturas e Sociedades
da Universidade de Évora

Cláudia Teixeira
e-mail: caat@uevora.pt
CECHUC – Centro de Estudos
Clássicos e Humanísticos da
Universidade de Coimbra

²¹ Cf. José d’ENCARNAÇÃO, “A população romana do Nordeste alentejano”, *1^{as} Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano 85 – Actas*, Castelo de Vide, 1987, 167-170.

²² Cf., entre outros, Jorge de ALARCÃO, “Novas perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos)”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 4 (2), 2001, p. 293-349.

²³ Pedro C. CARVALHO, *Cova da Beira – Ocupação e Exploração do Território na Época Romana*, Câmara Municipal do Fundão e Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2007, p. 504.



Uma inscrição votiva em língua lusitana



